



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12024 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 24 - Educação e Arte

O DISPOSITIVO AMOROSO E O EDUCAR PARA O AMOR ROMÂNTICO NOS CONTOS DE FADA: UM OLHAR PARA OS FILMES REALIZADOS A PARTIR DOS CONTOS.

Giovana Scareli - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei

Victória de Fátima Ferreira da Silva - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei

Agência e/ou Instituição Financiadora: UFSJ

O DISPOSITIVO AMOROSO E O EDUCAR PARA O AMOR ROMÂNTICO NOS CONTOS DE FADA: UM OLHAR PARA OS FILMES REALIZADOS A PARTIR DOS CONTOS.

O presente trabalho teve como objetivo compreender as implicações do dispositivo amoroso na educação, caracterizado por um amor romântico, presente nas produções cinematográficas realizadas a partir de contos de fada. A mídia, entre tantos outros dispositivos, é um espaço educativo, que modula comportamentos ao influenciar nossa vida cotidiana, colocando em circulação formas desejáveis de ser homem e mulher, definindo papéis específicos para os gêneros masculino e feminino.

Ao longo da relação que a criança desenvolve com os meios de comunicação de massa, é possível verificar as influências que recebe por meio de desenhos animados, brinquedos e brincadeiras e como essas mediações auxiliam na sua educação e interferem nas relações interpessoais e nas suas formas de expressão (MÈREDIEU, 2006). Refletindo sobre a educação visual, que pode ser construída pelos consumidores desses produtos culturais, principalmente, do que é *ser* mulher e do amor romântico presente nas obras, essa análise busca compreender o que temos aprendido sobre ser mulher, a partir das animações criadas a partir de contos de fadas. Assim, com base nos pressupostos acerca do dispositivo amoroso

enquanto tecnologia de gênero, formulados por Zanello (2018), buscou-se examinar as adaptações de *Cinderela (1950)*, *A Pequena Sereia – versão japonesa (1987)* e *A Bela e a Fera (1991)*.

Como primeiro passo do estudo, foi realizado um levantamento bibliográfico de artigos, teses e dissertações por meio de descritores que se conectam a pesquisa. As produções apontam para as questões de gênero enraizadas nas histórias infantis, a exemplo dos contos de fada presentes na literatura; e os meios educativos que esses canais, literatura e cinema, reproduzem. Utilizando como lentes os conceitos de “dispositivo amoroso”, “formas de subjetivação feminina” e “tecnologia de gênero” Zanello (2018), buscou-se reunir as produções cinematográficas de alguns contos de fada considerados exemplares para decupagem e análise. Foram encontrados vinte e um filmes que foram organizados por data de lançamento, de 1938 a 2014.

Falar da construção da educação através de imagens/filmes é entender que nosso mundo, não é apenas representado por imagens, mas também construído e/ou produzido por elas (BOHNASCK, 2008, p. 115). O cinema é um poderoso dispositivo de criação e invenção de narrativas. Os arquétipos culturais das princesas mostrados nos filmes representam a subjetividade feminina esperada pela sociedade. O comportamento de uma princesa se baseia em princípios ditos “corretos”, de “bom comportamento”, junto de uma beleza jovial e a idealização de um “príncipe encantado”. Segundo Gomes (2000, p. 5) essa construção está entranhada em nossa cultura, entre os quais centra-se o da “felicidade encontrada no amor romântico com o par ideal”.

As produções cinematográficas selecionados para decupagem, *Cinderela (1950)*, *A Pequena Sereia (1975)*, *A Bela e a Fera (1991)*, reforçam o estereótipo de que às mulheres cabe o cuidado, a afetividade, a gentileza e o sacrifício. Além disso, as características físicas das princesas também são comumente de padrão europeu branco. Talvez, porque muitos contos conhecidos foram originários deste continente, mas isso acaba exercendo uma pressão estética, na qual se valoriza um tipo de beleza como padrão, inalcançável para muitas pessoas. Essas características podem limitar o pensamento crítico, construindo um protótipo feminino essencial que estaria personificado em todas as mulheres, sem espaço para enxergar as diferenças existentes entre elas e que fosse valorizado justamente pelas diferenças (MONTEIRO; ZANELLO, 2014).

Outrossim, ao pensar nas pedagogias afetivas operadas pela indústria cultural, entende-se que os príncipes simbolizam uma masculinidade habitada no imaginário feminino. Eles são sensíveis, amáveis, carinhosos, mas, esses adjetivos são acrescentados ao vigor e a força, para salvar a princesa do perigo que a atormenta. As interferências que as obras potencializam na vivência de uma criança ao iniciar seus relacionamentos amorosos são capazes de reforçar a violência feminina e a subjetivação das mulheres em relações não saudáveis.

A educação visual pode ser verificada pelas condutas das crianças, em momentos de compartilhamento de ideias, brincadeiras, nas quais elas dizem ou expressam o que se espera da identidade de gênero das mulheres e dos homens. O gênero, seria uma tecnologia produzida e reproduzida a partir das mais diversas tecnologias sociais, com a função de constituir indivíduos concretos em homens e mulheres, promovendo modelos de subjetividade socialmente desejáveis (ZANELLO, 2018, p. 44, apud LAURETIS, 1987).

Os filmes analisados são um dos meios de comunicação na propagação da construção de gênero e, nesse sentido, é indispensável uma análise crítica e consciente ao observar a potencialidade educadora que possuem. Ademais, o imaginário favorece a construção das ideologias quando elaboram modelos mentais de uma realidade exterior que deturpa o real.

O estudo e o entendimento dos discursos presentes nos filmes de animação tomados para análise é essencial para pensar nos filmes enquanto formação educacional. “[...] as crianças assistem a esses filmes inúmeras vezes – seja em casa, no cinema, ou na própria escola – decorando as músicas, os gestos, os diálogos” (ZIMMERMANN; MACHADO 2021, p. 20 apud SABAT, 2001, p. 1). Esses filmes estão repletos de estereótipos, discursos e imaginários coletivos que são reproduzidos e reforçados em dimensões globais. Podemos citar a imagem do feminino e o papel social da mulher e como a saúde mental feminina pode ser uma estratégia para fortalecer o vínculo entre a construção do *ser* mulher.

Dessa forma, torna-se cada vez mais importante o (re)conhecimento dos produtos culturais consumidos pelas crianças, da construção do imaginário que elas desenvolvem a partir do que veem e como essa atmosfera permeia a existência humana. Verificamos que as obras cinematográficas selecionadas são eficazes em performances do dispositivo amoroso e da tecnologia de gênero. Como diz Zanello (2018, p. 83) “Os homens aprendem a amar muitas coisas e as mulheres aprendem a amar, sobretudo, e principalmente, os homens”.

Palavras-chave: Educação; Contos de Fada; Cinema; Dispositivo Amoroso.

Referências:

A PEQUENA SEREIA - versão japonesa. Direção: Tomoharu Katsumata. Produção: Toei Animation. Japão: Grupo Paris Filmes, 1975.

A BELA E A FERA. Direção: Gary Trousdale, Kirk Wise. Produção: Walt Disney Pictures. Estados Unidos: Buena Vista Distribution, 1991.

BOHNSACK, Ralf (2008a). **Rekonstruktive Sozialforschung- Einführung in qualitative Methoden**. 7. ed. Opladen: [s.e.].

CINDERELA. Direção: Clyde Geronimi, Hamilton Luske, Wilfried Jackson. Produção Walt Disney Productions. Estados Unidos: RKO Rádio Pictures, 1950.

GOMES, P. B. M. B. **Princesas**: produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo – Porto Alegre: UFRGS, 2000. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2000.

MÈREDIEU, F. **O desenho infantil**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MONTEIRO, C.; ZANELLO, V. Tecnologias de gênero e dispositivo amoroso nos filmes de animação da Disney. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 2, n. 3, set./dez. 2014.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.